

PE. TARCÍSIO ZALUSKI, OSBM

São Josafat, Bispo e Mártir



FASBAMPRESS

SÃO JOSAFAT, BISPO E MÁRTIR

**Faculdade São Basílio Magno**

R. Carmelo Rangel, 1200
Curitiba/PR 80.440-050

Fone: (41) 3243-9800

www.fasbam.edu.br

comunicacao@fasbam.edu.br

Conselho Editorial

Dr. Irineu Letenski (Presidente)

Dr. Teodoro Hanicz

Dr. Rogério Miranda de Almeida

Editor-chefe

Dr. Irineu Letenski

Projeto gráfico, diagramação e capa

Marco Antônio Pensak

Bibliotecária

Sirlene Maria Marcinek Mazur

CRB PR 001937/0

Preparação e revisão

Dr. Edilson da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Faculdade São Basílio Magno (FASBAM)

Z22s Zaluski, Tarcísio

São Josafat, Bispo e Mártir / Tarcísio Zaluski – Curitiba:
FASBAMPRESS, 2021.

27 p. ; 14x21 cm.

ISBN Digital: 978-65-993041-6-3

1. São Josafat - Biografia 2. Santos cristãos - Biografia
I. Título.

CDD 270.2

PE. TARCÍSIO ZALUSKI, OSBM

SÃO JOSAFAT, BISPO E MÁRTIR



FASBAMPRESS

SUMÁRIO

São Josafat, Bispo e Mártir	7
Infância	8
A mocidade – o despertar de uma vocação especial	9
A entrada no mosteiro	12
Josafat, Rutskyk e a Ordem Basiliansa	14
Josafat Religioso	17
Josafat sacerdote e bispo	19
A pastoral da união	23
O caminho para o martírio	26
A glória dos altares	29
Oração	30

SÃO JOSAFAT, BISPO E MÁRTIR

“Foste um luzeiro luminoso, ó hieromártir Josafat, pois como bom pastor doaste a tua alma pelas ovelhas, tornando-te vítima sacrificada pela santa união” – assim o cântico litúrgico do tropário enaltece São Josafat, o nosso grande santo ucraniano.

São Josafat foi mártir pela união da Igreja de Cristo, particularmente pela união entre a Igreja ortodoxa e a Igreja católica. Por esse ideal ele derramou seu sangue, doou a sua vida.

Além disso, São Josafat foi o restaurador da vida religiosa basiliana em terras eslavas e, junto com o metropolita José Veliamyn Rutsyy, foi propriamente o fundador da Ordem de São Basílio Magno, tal como ela é hoje e que justamente carrega também a denominação de “Ordem Basiliana de São Josafat”.

São Josafat era ucraniano de família e de nascimento, pois nasceu em território ucraniano, embora esse território pertencesse na época ao Reino Polono-Lituano. Mas ele pode ser considerado santo de outras duas nações. É santo da Lituânia, pelo fato de ter ingressado na vida religiosa no mosteiro da Santíssima Trindade em Vilnius, capital da Lituânia, e a partir desse mosteiro ele promoveu a restauração da Ordem Basiliana. É santo também dos bielorrussos, pois foi bispo de Polotsk e foi martirizado em Vitebsk, ambas as cidades situadas na

Bielorússia (ou Belarus, segundo o nome atual). Enfim, por ter sido elevado à glória dos altares, ele é santo de toda a Igreja de Cristo.

Infância

Josafat nasceu na cidade de Volodymyr da Volynia, no noroeste da Ucrânia, na época importante centro comercial do Reino Polono-Lituano. Volodymyr era igualmente uma cidade importante sob o aspecto cultural, visto que aqui viviam pessoas procedentes de quase todas as nacionalidades europeias. Era também a sede de uma diocese e havia ali muitas igrejas.

Josafat, no batismo João, nasceu num dia entre os anos 1579 e 1580: não está documentada a data exata de seu nascimento. O nome da família por parte do pai é Kuntsevytch que, segundo consta, seria de origem escandinava. O pai, Gabriel, dedicava-se ao comércio de cereais. Não sabemos se João tinha outros irmãos. A mãe chamava-se Marina. Era ela que se ocupava da educação dos filhos e que instilou uma profunda piedade no coração de João que, como outros meninos, frequentou normalmente a escola. Gostava muito de leitura, principalmente de obras religiosas.

Ele mesmo conta um fato que aconteceu na sua infância e que marcou profundamente a sua vida. Certo dia, estando na igreja de Santa Parasquévia com sua mãe, que rezava diante de uma imagem do

Cristo crucificado, perguntou a ela quem era aquele homem pregado na cruz. A mãe procurou explicar-lhe que era Jesus, Filho de Deus, que pela nossa salvação morreu pregado na cruz. Enquanto o menino ouvia a explicação da mãe e olhava atentamente à imagem do Crucificado, algo como uma centelha de fogo desprende-se do lado de Cristo e veio atingir o seu peito. Naquele momento ele sentiu algo especial em seu coração, um intenso sentimento de amor para com o Cristo crucificado e um grande desejo de fazer algo por Ele.

Esse fato, narrado por ele mesmo, tornou-se decisivo em sua vida. Ele foi se tornando cada vez mais piedoso, tomado pelas coisas de Deus. Era a graça de Deus que agia dentro daquela alma boa, sincera e privilegiada. Sem ainda dimensionar as coisas claramente, João percebia que a Igreja precisava de pessoas que pudessem se consagrar para a renovação da vida religiosa entre o povo. Assim, ele próprio, foi cada vez mais se imbuindo desse ideal, dispondo-se a colaborar com Cristo na obra da salvação.

A mocidade – o despertar de uma vocação especial

Com seus treze ou quatorze anos de idade, João Kuntsevytch foi enviado por seus pais a Vilnius, capital da Lituânia. Outras fontes dizem que a família Kuntsevytch toda mudou-se para essa cidade. O motivo dessa transferência talvez fosse o fato de que em Vilnius havia a

oportunidade de estudar em escolas de maior renome. Vilnius era uma importante cidade do leste europeu do ponto de vista econômico, político e religioso. Sobretudo era uma cidade cosmopolita sob o aspecto religioso: havia ali uma forte presença de Igrejas Protestantes, da Igreja do rito latino e da Igreja Ortodoxa. Na vizinha cidade de Brest, justamente naqueles tempos (1595) foi formalizada a adesão à fé católica dos bispos da metropolia de Kiev-Halytch, a chamada “União de Brest”.

Em Vilnius, João Kuntsevytch foi empregar-se na casa de Jacinto Popovytych, rico comerciante e membro do governo lituano, e que era provavelmente seu parente. João passou a trabalhar no comércio de seu patrão, mas ocupava seu tempo livre para estabelecer contatos com representantes das diversas Igrejas. Ele estava vivendo uma fase de escolhas decisivas. Em sua consciência tomava corpo uma crucial pergunta: estando a Igreja de Cristo dividida – protestantes, católicos, ortodoxos – qual Igreja ele deveria seguir? Qual era a verdadeira Igreja? Deveria ele permanecer fiel à Igreja ortodoxa, que era de sua família?

João conversava muito com os padres jesuítas de Vilnius, aconselhando-se particularmente com os padres Fabrício Kovalskyj e Genádio Khmelnytskyj, os quais lhe esclareceram muitas coisas sobre as questões de Igreja. Como professores esclarecidos, os padres fizeram ver a João que a União de Brest abria-lhe um novo caminho: ele poderia ser católico, sem deixar de ser cristão de tradição oriental.

Antes de Brest, para ser católico significava passar para o rito latino. Os bispos ucranianos que assinaram a União de Brest reconhecem o Papa como Vigário de Cristo e chefe da Igreja, aceitam a fé católica, mas conservam toda uma tradição oriental, de fonte bizantina, que lhes era muito cara.

Segundo o testemunho dos padres, João rezou muito, pedindo a luz de Deus, e chegou à conclusão de que o seu caminho estava na Igreja católica de rito oriental. Já então conscientizou-se de que a Igreja de Cristo deveria constituir, segundo o desejo de nosso Salvador, um só rebanho, conduzido por um só pastor.

Desde então, João começa a frequentar a igreja da Santíssima Trindade em Vilnius, que havia aderido à União de Brest. A igreja era atendida pelos monges do mosteiro da Santíssima Trindade, que seguiam a espiritualidade de São Basílio. Diz o padre Genádio Khmelnytskyi sobre seu amigo João Kuntsevytch: “Eu o via na igreja várias vezes durante a semana, nos dias santos e domingos: lá ele estava quase sempre. Tinha uma voz bonita, pertencia ao coral da igreja e logo tornou-se dirigente dos cantores”. Assim, aos poucos, João tornou-se participante assíduo nas atividades da igreja: fazia as vezes de cantor, leitor, sacristão, batia sinos para os ofícios litúrgicos, sempre com muita dedicação e piedade.

Essa foi a escolha de João Kuntsevytch: movido por amor a Cristo e à sua Igreja, buscava a verdade plena que se tornasse o ideal de sua

vida. Na sua adesão à fé católica, obediente à ação da graça de Deus e, seguindo os conselhos dos padres amigos, soube sempre manter o equilíbrio, sem fanatismos ou luta contra outras Igrejas ou confissões, porque o seu lema era o de Cristo, “para que todos sejam um”.

A entrada no mosteiro

Vivendo e trabalhando na casa de Jacinto Popovytych, João Kuntsevytych conquistou as simpatias de seu patrão. Os planos dos pais de João, como também de Popovytych, eram de que ele seguisse a carreira de comerciante, a profissão mais cobiçada da época. Popovytych não tinha filho homem e por isso quis preparar João para futuramente tomar conta de seus negócios e fazer dele herdeiro de sua fortuna. Fez de tudo para que João gostasse da profissão e entrasse com entusiasmo no mundo dos negócios. Para tanto, até restringiu seu tempo para que não pudesse estudar nas boas escolas de Vilnius e lhe propôs sua filha em casamento.

Mas os objetivos de vida de João Kuntsevytych eram outros. Aconselhando-se com os padres jesuítas, lendo muitos livros religiosos, sobre a história da Igreja e liturgia, após muito refletir e com total liberdade de consciência, João decide entrar no mosteiro e seguir a vida monástica.

Em Vilnius, junto à igreja da Santíssima Trindade, havia um mosteiro que seguia a espiritualidade de São Basílio, como era praxe em quase todos os mosteiros do oriente. O mosteiro era autônomo, independente, de acordo com o modelo da época. Estava, porém, em total decadência e abandono: os monges eram poucos e se vivia ali mais uma vida mundana que vida religiosa. Mas é nesse mosteiro que João Kuntsevytch decide entrar.

João não se preocupa com o estado do mosteiro; suas convicções são firmes e ele decide deixar uma carreira promissora no mundo e enfrentar as incertezas que se descortinavam diante dele. Em 1604 João encontra um quarto num cantinho do mosteiro e ali se estabelece: faz faxina, põe em ordem algumas coisas, e daí se dedica exclusivamente à oração e ao estudo. Inicia como que um noviciado pessoal, tempo de iniciação na vida religiosa, sem se preocupar muito com o que acontecia no restante do mosteiro. Seus orientadores são os padres jesuítas da Academia de Vilnius. Ele não contava com uma estrutura que favorecesse a sua formação, nem com exemplos que pudesse seguir. Pelo contrário, só encontrou contratestemunho nos monges do mosteiro. Mas Josafat (esse nome ele assumiu ao entrar no mosteiro) conseguiu, por esforço próprio, uma sólida formação, sob o aspecto espiritual, intelectual e teológico.

Josafat passa assim três anos exclusivamente preparando-se para a missão que iria enfrentar. Na solidão dedica-se à oração, à leitura,

particularmente da vida dos santos Padres. De grande importância para a sua formação foram os livros litúrgicos que se constituíram para ele em manuais tanto de oração como de estudo de teologia. É certo que Josafat, após o ingresso no mosteiro, fez pelo menos um curso de teologia com os padres jesuítas da Academia de Vilnius. Tendo tudo isso como fundamento, vem a tornar-se uma personalidade de muito respeito em seu meio quanto à sabedoria teológica e religiosa em geral. Mais tarde, já como sacerdote, suas prédicas são cativantes, sabe conversar em alto nível com a elite da cidade, discutir questões doutrinárias com os peritos, como também sabe conversar com o povo simples.

Josafat, Rutsky e a Ordem Basiliana

Com o ingresso de Josafat no mosteiro, entra em cena outro personagem que foi muito importante na história da Igreja ucraniana e da Ordem de São Basílio Magno. Foi ele José Veliamyn Rutsky. Rutsky era de família nobre que estudou no Ocidente, principalmente em Roma, onde adquiriu grande prestígio até perante o Papa. Foi justamente o Papa Clemente VIII que lhe sugeriu passar para o rito bizantino e lhe propôs uma grande missão na sua terra natal: fortalecer a União de Brest, restaurar a Igreja bizantino-católica que estava em profunda decadência, sobretudo por causa da má formação do clero.

Rutskyk torna-se o grande amigo, companheiro e colaborador de Josafat, tanto na restauração da vida monástica como na obra da união.

Rutskyk retorna a Vilnius e passa a trabalhar na Academia (seminário) dos jesuítas na preparação dos candidatos ao sacerdócio. Logo ele fez amizade com Josafat que estava no mosteiro da Santíssima Trindade e percebeu que Josafat seria um importante companheiro e colaborador na missão de renovação da Igreja. Pois, o ideal de Josafat era esse mesmo: a unidade do rebanho de Cristo.

Em 1607, o próprio Rutskyk entra no mosteiro da Santíssima Trindade: tem, então, início a obra conjunta de Rutskyk e Josafat. Para a renovação da Igreja Católica na região, para a formação do clero, teria muita importância a renovação da vida religiosa-monástica. Assim, tem ponto de origem a Ordem de São Basílio Magno.

Rutskyk e Josafat puseram-se a trabalho. De início, foi feita uma reforma no prédio do mosteiro da Santíssima Trindade, com recursos do próprio Rutskyk. Josafat encarregou-se mais da reforma espiritual e da restauração da disciplina monástica. Aos poucos, a vida no mosteiro adquiriu novo vigor e vitalidade. Sob a guia de Josafat, a vida litúrgica foi em larga medida revitalizada. Aos poucos, iam ingressando no mosteiro novos membros, a comunidade ia crescendo a olhos vistos. Outros mosteiros da região foram aderindo à renovação promovida pelos dois.

Em 1608, ambos, Rutsky e Josafat foram ordenados sacerdotes. Em 1617, a obra dos dois para a restauração da vida religiosa atingiu seu ponto culminante. Eles reuniram em assembleia religiosos de 5 mosteiros na localidade de Novhorodetchi na Bielorrússia, e foi então criada uma comunidade sob o nome de “Congregação da Santíssima Trindade”. Rutsky havia elaborado um estatuto em base das Regras de São Basílio, acrescentando a ele as chamadas “Regras Particulares”, uma espécie de regulamento (diretório) contendo normas práticas para a comunidade. Nascia naquela data a nossa Ordem de São Basílio Magno. Esse nome, porém só foi adotado a partir de 1743. A Ordem Basiliana é, portanto, o fruto da obra dos dois grandes vultos da nossa história. Rutsky representa o corpo, a organização estrutural da Ordem, os regulamentos e as normas, e Josafat representa a sua alma, seu espírito. Rutsky introduziu na nossa Igreja uma novidade, o modelo ocidental de organização – a confederação e a união dos mosteiros num só corpo, com uma única Regra para todos, sob um único superior geral denominado “arquimandrita”, com um sistema de gestão por assembleias, denominadas “capítulos”. Esse modelo, trazido por Rutsky do Ocidente, contribuiu muito para o crescimento da vida religiosa no meio oriental e para o bem da Igreja – sem nenhuma pretensão de latinizar, porém.

A obra de Rutsky e Josafat só foi prosperando: na metade do século XVIII havia em toda a região 202 mosteiros basilianos, com mais de mil

religiosos, 6 seminários, mais de 20 escolas de propriedade da Ordem, várias gráficas e editoras. Foi o “século de ouro” da Ordem Basiliana.

Josafat Religioso

José Veliamyn Rutsky, seu amigo e colaborador de todas as horas, escreve sobre a personalidade extraordinária de Josafat: “Esse homem de raras virtudes era de fato extraordinário em tudo. Se pelo seu físico parecia fraco para alguns serviços, pela graça de Deus tornava-se forte e apto, e fazia tudo com perfeição. Homem de grandes e profundos ideais, dedicado à meditação, lia muito. Amava seu quarto de monge, onde permanecia a maior parte de seu tempo em oração, meditação e leitura. Ao mesmo tempo era uma pessoa social que sabia lidar com todo o mundo. Quando estava com o povo, parecia que havia nascido para lidar com as multidões. O povo adorava conversar com ele e ele acolhia todos com alegria, estava sempre pronto ao diálogo. Sabia conversar com os fiéis de sua Igreja católica e com os fiéis ortodoxos. Tinha uma memória extraordinária e era um pensador profundo, bom pregador e cantor. Muitos vinham para a igreja para ouvir Josafat cantar e, mais ainda, para ouvir suas homilias que eram cativantes e bem preparadas...”.

Josafat levou uma vida pobre e humilde, mesmo já como bispo. Tudo o que ganhava como presente, distribuía aos outros. Foi também

um defensor e benfeitor dos pobres. Mas foi sobretudo um homem de oração. Gostava mais que tudo da oração litúrgica, do Ofício das Horas litúrgicas. Fez uma profunda renovação da vida litúrgica na igreja da Santíssima Trindade. Iniciou também a prática da celebração diária da Santa Missa e também da comunhão diária – o que não era nada comum naqueles tempos. Fazia uma longa oração de preparação e daí dirigia-se à igreja para celebrar a Divina Liturgia.

O nosso santo passava igualmente longas horas em oração pessoal. A grande fonte de sua espiritualidade e piedade eram os livros litúrgicos. Todos os seus colegas dão testemunho de que a ocupação principal de Josafat, quando não tinha compromissos públicos, era rezar, meditar e ler. Rezava em silêncio, mas, às vezes, em arrebatos, erguia a sua voz para louvar a Deus. Muitas vezes, à noite, para não incomodar os confrades, saía e ia ao cemitério do mosteiro e lá passava quase a noite inteira em oração, mesmo com a neve caindo. Era um grande devoto de Maria Santíssima. Ele possuía um ícone da Mãe de Deus que a levava sempre consigo para todos os lugares aonde viajassem. Introduziu no mosteiro da Santíssima Trindade, onde foi superior, a festa da Imaculada Virgem. Como bispo, via em Maria, a Mãe da Igreja, e promoveu muito o culto popular mariano. Maria era sobretudo a sua mãe, exemplo de vida consagrada, a quem recorria nos momentos difíceis.

Merece destaque seu espírito de penitência e sacrifício. Impunha-se a si mesmo atos voluntários de mortificação, jejum e outros sacrifícios, que às vezes beiravam o exagero. Por baixo da camisa usava o cilício, uma espécie de colete feito de pelos duros de cavalo, com pontas roçando a pele, a fim de causar incômodo e mesmo dor. Seus sacrifícios tinham, já então, uma finalidade: rogar a Deus a união da Igreja. De noite, pensando não ser percebido por ninguém, açoitava a si mesmo, repetindo: “Deus, dai unidade à vossa Igreja!”. Com frequência saía de noite para o pátio da igreja. Seus coirmãos o seguiam à escondidas, temendo que fosse atacado pelos seus inimigos, viam-no açoitando-se e repetindo: “Senhor Deus, dai unidade à vossa Igreja e a conversão dos irmãos separados”.

Josafat era um confessor muito procurado. Antes de atender às confissões, costumava fazer um ato de penitência e rezar. Graças a isso, muitos pecadores convertiam-se no ato da confissão.

Josafat sacerdote e bispo

Josafat foi ordenado sacerdote em 1608 ou, talvez, no início de 1609. Cabe esclarecer de início que a ação pastoral de Josafat como sacerdote e como bispo desenvolveu-se propriamente não entre os ucranianos, e sim na Lituânia e Bielorrússia. No entanto, esse território – dentro do Reino Polono-Lituano – pertencia à grande Metrópolia de

Kiev, a grande sede da Igreja da Ucrânia, que naqueles tempos chamava-se ainda “Rush”.

Como sacerdote e com o bispo, Josafat encarnava exemplarmente a imagem do “bom pastor” apregoada por Cristo: o pastor que conhece e ama suas ovelhas, vai atrás das desgarradas e perdidas, as defende contra lobos e, enfim, dá a sua vida pelas ovelhas.

Por causa de seu zelo e ação pastoral, seus adversários ortodoxos o chamavam de “rapinador de almas” (Dushekhvat, em ucraniano) ou literalmente “ladrão de almas”. Em outras palavras, acusavam-no de “roubar” almas da Igreja Ortodoxa e as atrair para a Igreja Católica uniata. Suas pregações atraíam ouvintes de todas as camadas da população: sabia muito bem adaptar-se a todos. Até pessoas de outras confissões, como ortodoxos e protestantes, vinham ouvi-lo, pois nas suas palavras ecoava a verdadeira força do Evangelho. Um de seus ouvintes, que era professor da Academia de Vilnius, definiu as pregações de Josafat como “pregações apostólicas”, isto é, eram verdadeiras prédicas de um apóstolo. Ele tinha o costume de dividir suas homilias em duas partes: na primeira parte, ele explicava literalmente o Evangelho e, na segunda parte, ele fazia as suas reflexões em torno do tema do Evangelho.

Já como bispo, a sua fama de pregador se difundiu por toda a parte: ele pregava não só na igreja catedral, mas percorria todas as igrejas de

sua arquieparquia, levando acima de tudo a mensagem de Cristo quanto à unidade da Igreja.

Um dos pontos marcantes da atividade pastoral de Josafat foi o sacramento da penitência-confissão. Pode-se dizer que ele renovou, no meio onde atuava, a prática da confissão que naqueles tempos estava quase que totalmente abandonada entre os cristãos orientais. Para Josafat, o sacramento da penitência era um instrumento, tanto para o revigoramento e promoção da vida cristã entre o povo, como também um instrumento de promoção da união da Igreja através de conversões.

Josafat atendia confissões como padre e também como bispo. Confessava em todos os lugares e em todas as oportunidades: na igreja, nos hospitais, nas casas particulares e mesmo na rua. Muitos encontros e conversas com ortodoxos e protestantes terminavam em confissão e conversão dessas pessoas. Como bispo, escreveu as “Regras para os sacerdotes” recomendando muito que os padres estivessem sempre dispostos para atender confissões e que também eles mesmos buscassem a confissão com frequência. Numa dessas regras, ele recomenda que, durante a Grande Quaresma, os padres visitassem todas as casas da paróquia com a água benta e ouvissem a confissão de todos.

Josafat foi nomeado bispo em 1617, mesmo ano da fundação da atual Ordem Basiliiana. Quem fez todos os esforços para promover

Josafat ao bispado foi seu amigo e colega José V. Rutskyy, que naquele tempo já era bispo metropolitano de Kiev. Rutskyy, conhecendo, é claro, toda a envergadura espiritual de Josafat, quis envolvê-lo num projeto maior, isto é, da renovação da Igreja Católica em terras da Rússia. Josafat, na sua humildade, relutou muito em aceitar a missão, deixar a tranquilidade do mosteiro e enfrentar a realidade conturbada de uma Igreja que, naquele tempo, vivia divisões e conflitos profundos. Talvez até antevia que seu bispado iria durar apenas seis anos e que iria exigir dele o sacrifício de sua vida. Mas, acima de tudo, seu ideal era também a unidade da Igreja, o que fez-lo aceitar os desafios da missão.

Josafat foi sagrado bispo em Vilnius pelo próprio metropolitano Rutskyy no domingo, dia 12 de novembro de 1617. Iria ser martirizado exatamente num 12 de novembro... Inicialmente, Josafat foi nomeado bispo coadjutor do arcebispo de Polotsk, com direito de sucessão. Em 1618 tornou-se efetivamente arcebispo de Polotsk.

Assumindo a diocese, Josafat se pôs de imediato à obra. Um trabalho longo e penoso de restauração material e espiritual da Igreja que, desde séculos, encontrava-se em estado deplorável. Um primeiro passo foi a restauração e reforma de igrejas que estavam literalmente caindo aos pedaços. Fundou várias escolas de caráter paroquial, com o objetivo de elevar o nível cultural e religioso do povo.

Mas a grande medida de caráter pastoral que ele tomou foi a da renovação do clero. Grande parte dos sacerdotes vivia no ócio,

ignorância e até na deteriorização moral. Tanto que muitos deles sequer sabiam coisas elementares do catecismo e alguns deles mal sabiam ler. A recomposição do clero era a primeira coisa a fazer no intuito de renovação geral da Igreja. Com esse objetivo Josafat compôs as “Regras para os sacerdotes” e um catecismo para o povo. Dividiu a diocese em regiões administrativas, chamadas “decanatos”, fazia reuniões periódicas com os padres, os encaminhava para estudos. Enfim, fazia de tudo para, em primeiro lugar, ter bons operários na messe do Senhor.

Promoveu em seguida a renovação sacramental e litúrgica. Determinou que nas igrejas fossem celebradas Missas todos os dias e, nos domingos, uma Missa recitada e outra cantada. Em pouco tempo, aconteceu uma verdadeira primavera nas paróquias no tocante à vida litúrgica: belas celebrações, participação do povo cada vez mais numerosa. Já mencionamos os seus esforços como sacerdote para restaurar a prática da confissão frequente; como bispo, seu zelo nesse sentido multiplicou-se.

A pastoral da união

Toda a ação pastoral de Josafat, tudo o que ele fazia, tinha um objetivo maior: a unidade da Igreja, a união da Igreja de Kiev em torno do Vigário de Cristo, o Papa.

Como Josafat entendia a unidade da Igreja? Citamos uma passagem do “Catecismo para o povo”: “Que quer dizer a Igreja Católica universal? É o conjunto de fiéis sob um Cabeça invisível, o Cristo Senhor, e sob um Cabeça visível, o Vigário de Cristo, Quem é o Vigário de Cristo? O sucessor do príncipe dos apóstolos, Pedro. Pois somente a São Pedro conferiu Deus o pastoreio católico universal e não aos outros apóstolos. Por isso, esse poder permaneceu somente no sucessor de Pedro e não nos sucessores dos outros apóstolos. Pois assim haveria doze pastores universais, o que não foi estabelecido por ninguém. E o que é preciso pensar sobre os patriarcas orientais? Eles são bispos, mas se não estiverem em união com o sucessor de Pedro, não são pastores e não poderão salvar-se, nem eles próprios nem seus sucessores... Em que consiste essa união? Que haja uma só fé, embora nas Igrejas haja ritos diferentes do latino e diferente ministração dos sacramentos...”.

As convicções católicas de Josafat eram absolutamente fortes e firmes desde a sua juventude e sua vida no mosteiro em Vilnius. Como padre, ele conduziu uma intensa atividade de diálogo com os ortodoxos, participando de discussões com as suas lideranças e não se eximia de acesas polêmicas. Testemunhos disso são os seus escritos ainda como padre: “Sobre o primado de São Pedro” e “Sobre o batismo de Volodymyr”.

Sobre a ação unionista de Josafat já como bispo, as testemunhas comprovam que ele desenvolvia uma ação que, já naquele tempo, era

norteada pelo atual espírito do Concílio Vaticano II. Jamais ele fez guerra contra os ortodoxos. Pelo contrário, sua ação em prol da união era fundamentada sobre a caridade. Josafat agia sempre com prudência e mansidão, jamais se permitia vingança. Até nas polêmicas não perdia a serenidade. Exultava com as conversões, entristecia-se com as obstinações, embora fosse sempre firme na defesa da fé. Sabia bem distinguir o erro da pessoa que erra: era movido pelo respeito a todos, enfim, pelo amor cristão.

Josafat apostava no diálogo e no entendimento. Via ele que na raiz dos desentendimentos e das controvérsias, e mesmo dos conflitos, está o desconhecimento mútuo, o distanciamento entre as partes, falta de contato, difusão de notícias falsas e acusações não comprovadas. Tudo isso poderia ser superado pelo diálogo e pelo esclarecimento da verdade. Por isso, ele fala da união da Igreja nas homilias, promove encontros e debates, escreve cartas e declarações, faz ler documentos da Igreja e, sobretudo, não se fecha na sua residência, mas vai até o povo e conversa com as pessoas. Sendo bispo, ele aposta no contato direto com as pessoas. Fala com todos, não exclui ninguém, nem os ortodoxos, nem os protestantes, nem as camadas de elite, nem as pessoas simples.

O caminho para o martírio

Infelizmente, Josafat encontra em Polotsk um ambiente muito conturbado, uma diocese combalida e ele vem a sofrer uma oposição cada vez mais forte. Em 1620, apareceu na região o patriarca ortodoxo Teofânio de Jerusalém que promoveu uma forte onda de oposição contra os uniatas católicos, nomeando vários bispos ortodoxos. Entre outros, ele nomeou como bispo de Polotsk Melécio Smotrytskyi, que liderou uma forte campanha contra Josafat (Smotrytskyi, porém, após a morte de Josafat, se arrepende e se converte, tornando-se daí uma importante liderança católica). Acusações contra Josafat: traição da grande tradição da Igreja de Rush-Ucrânia, perseguição dos ortodoxos, latinização da Igreja rush-ucraniana. A oposição torna-se cada vez mais belicosa, chega-se a confrontos, Josafat recebe várias vezes ameaças de morte.

Josafat percebe que Cristo pede a derradeira prova, um último sacrifício, o testemunho de sangue pela unidade da Igreja. E ele declara sua total disponibilidade para a vontade de Deus. Ele pede a Deus “que seja digno de aceitar a morte por Cristo, pela fé, pela união e pelo Chefe supremo da Igreja, o Santo Pontífice”. Semelhantes declarações ele repetia com frequência aos seus confrades.

A hora de seu grande sacrifício chegou no dia 12 de novembro de 1623. Era domingo e Josafat estava de visita na diocese vizinha de

Vitebsk. De manhã, Josafat e sua comitiva celebraram as Matinas, enquanto já se ouviam gritos da multidão que cercava a residência episcopal e pedia a morte a Josafat. Vendo chegar a sua hora, ele recolheu-se para os seus aposentos e se pôs de joelhos para rezar. Nesse ínterim, a turba já tinha invadido a residência e dois homens entraram no aposento onde estava Josafat. Este, percebendo todo o perigo, ainda pediu aos agressores que deixassem em paz os seus acompanhantes e, se quisessem matá-lo, ele estaria pronto para morrer. Nesse momento, um dos indivíduos deu um golpe de marreta na cabeça do santo, enquanto o outro lhe desferiu uma machadada na cabeça. Josafat, esvaindo-se em sangue, rezava em voz quase imperceptível pela união da Igreja. De pronto, foi arrastado para fora, para o pátio do palácio episcopal e tiros de pistola completaram o seu sacrifício. Facadas e pauladas deixaram o corpo de Josafat irreconhecível. Enquanto isso, o palácio episcopal foi invadido pela multidão e totalmente depredado. A turba, composta por cerca de mil pessoas, berrando de ódio contra o santo, arrastou seu corpo até o rio Dvina. E lá, pretendendo que seu corpo não fosse mais encontrado, encheram seu cilício de pedras e amarraram em torno de seu pescoço e ataram outra grande pedra aos seus pés e o atiraram no rio.

Era domingo, 12 de novembro de 1623, Josafat preparava-se para celebrar o santo sacrifício da Divina Liturgia — mas Deus pediu dele o sacrifício de sua vida.

O corpo de Josafat só foi encontrado cinco dias após a morte, no dia 17 de novembro. Recebendo todas as homenagens do povo, o corpo permaneceu em Vitebsk 15 dias e em seguida foi levado para a sede do arcebispado em Polotsk. Seguiu de barcaça pelo rio Dvina, de imediato foi levado para a igreja de Santa Sofia, onde ficou exposto para a veneração popular. Com sua morte muitos sinais e milagres aconteceram, sobretudo inumeráveis conversões, inclusive de seus assassinos, com Melécio Smotrytskyi à frente, que conduziu toda a campanha agressiva contra Josafat.

Josafat só foi sepultado no dia 28 de janeiro de 1625, isto é, um ano e meio após a sua morte. Todo esse tempo o corpo conservou-se intato, sem sinais de deteriorização, rosto sereno como que esboçando um sorriso, sangue vertendo aos pouquinhos de suas feridas. O sepultamento foi protelado para aguardar a chegada de seu coirmão, colega e amigo, o metropolita José Veliamyn Rutsky. O sepultamento ficou na memória dos habitantes de Polotsk: reuniu-se praticamente toda a cidade, além de gente de Vitebsk, Vilnius e outras localidades. O metropolita Rutsky proferiu uma emocionada homilia. O dia concluiu-se com uma longa salva de tiros de canhão.

O padre Atanásio Velyky, OSBM, na sua biografia do santo, assim descreve Josafat: “De estatura média, compleição forte, o que lhe possibilitou suportar tantas adversidades, rosto oval, fronte alta, face morena, grandes olhos que refletiam serenidade, bondade e alegria...

Caráter ao mesmo tempo enérgico e bondoso. Era dotado de uma inteligência incomum, grande bondade e uma memória fenomenal. A bondade de seu coração combinava com a energia e decisão que o caracterizava na prática do bem e na defesa da verdade. Exercia influência extraordinária sobre as pessoas no seu entorno. Distinguiase pelo amor à verdade, zelo pastoral; era totalmente apegado à Igreja e ao rito oriental, mesmo sendo amigo do rito latino. Promovia a vida litúrgica, incentivava a devoção eucarística e mariana. Jamais buscava seus próprios interesses ou autopromoção. Uma vida totalmente dedicada à causa de Deus, prontidão até para dar a vida por Cristo e pela sua Igreja. Amor ardente a Deus e ao próximo”.

A glória dos altares

Em 1917, já com a Revolução Russa e o regime comunista a caminho, o corpo de São Josafat foi transferido por motivo de segurança para Viena, Áustria. Em 1949 foi transferido para Roma, onde tem o raro privilégio de permanecer na Basílica de São Pedro, como se Josafat quisesse vir pessoalmente render submissão a São Pedro no seu ideal de união da Igreja.

As primeiras iniciativas no sentido de elevar Josafat Kuntsevytch à glória dos altares começaram logo após a sua morte e se coroaram 240 anos após o seu martírio, em 1867, com a solene inscrição de seu nome

no rol dos santos da Igreja Católica. Antes, foi declarado beato pelo Papa Urbano VIII em 1643 – 20 anos após a sua morte. E no dia 29 de junho de 1867 – festa de São Pedro – o Papa Pio IX proclamou Josafat como hieromártir (isto é, bispo mártir) da Igreja.



Oração

Santo mártir Josafat! Derramaste, como mártir, teu sangue pela Igreja de Cristo, sempre desejaste a unidade da Igreja e com as tuas incessantes e persistentes súplicas pediste a Deus todo-poderoso a graça da união de todos os povos com a Sé Apostólica.

Ajudai com que esse teu ardoroso desejo se cumpra, e que aconteça o desejo do próprio Cristo. Queremos que sejas nosso intercessor diante do misericordioso Deus e Pai, para que sem demora venha o dia em que todos os povos cristãos formem um só rebanho, unido no amor de Cristo, sob a guia do sucessor de Pedro.

Santo mártir Josafat! Com o teu martírio legaste para a Igreja o supremo testemunho de fé. Suplica para que nós conservemos esse dom de Deus e sejamos testemunhos, com palavras e com a nossa vida toda, da verdade da santa fé.

Santo mártir Josafat, intercede pelo povo ucraniano, para que ele alcance a unidade na fé, torne-se filho de uma só Igreja reunida sob um único pastor, Jesus Cristo.

Santo mártir Josafat, intercede pela tua Ordem Basiliana, para que ela continue no tempo presente o teu ideal e a tua obra da união.

Santo mártir Josafat, roga por todos nós, Amém.

ISBN 978-659930416-3



9

786599

304163